

## **A criação de uma comunidade imaginada e o verdeamarelismo: análise do discurso do ideal de Brasil e de liberdade do Movimento Brasil Livre. <sup>1</sup>**

Júlia Frank de MOURA<sup>2</sup>

Eduardo Yuji YAMAMOTO<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso do Movimento Brasil Livre em seus vídeos do Youtube, levando em consideração os ideais de liberdade e de país modelo expressos pelo movimento. A análise é realizada com o subsídio de conceitos desenvolvidos por Marilena Chauí (verdeamarelismo) e Benedict Anderson (comunidade imaginada) e indicam a atualização de um mito fundador brasileiro através do MBL.

**Palavras-chave:** Movimento Brasil Livre, Análise do discurso, comunidades imaginadas, verdeamarelismo.

### **Introdução**

Embalado pelas manifestações de 2013, e ainda mais motivado após a eleição dividida de 2014 na qual a presidente Dilma Rousseff foi reeleita com uma margem pequena de diferença, surge no Brasil um movimento que se auto denomina pacífico e apartidário, um movimento que, em sua descrição, promete trazer liberdade ao país e ao seu povo. Mas o que é liberdade para eles? Estaria o Brasil preso? Esta organização, chamada de Movimento Brasil Livre (MBL) ganhou notoriedade na internet e utiliza frequentemente o Youtube como plataforma de comunicação com o seu público, majoritariamente jovem, conquistando o apoio de seguidores através de seus ideais apresentados em breves vídeos explicativos. O presente artigo visa realizar uma análise do discurso presente em uma amostra dos vídeos do canal do movimento, analisando questões como a definição de liberdade para o MBL e elementos nacionalistas presentes nos vídeos para a atualização de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 2 – Publicidade e Propaganda do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR). Bolsista no Programa Institucional de Iniciação Científica (PROIC) da UNICENTRO. Email: [juliafdmoura@gmail.com](mailto:juliafdmoura@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Docente do curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR). Orientador do trabalho.

uma comunidade imaginada e a convocação de apoiadores, bem como afinidades com o mito do verdeamarelismo descrito por Marilena Chauí.

Justifica-se a escolha do objeto, pois o movimento, com apenas um ano, já alcançou grande popularidade, principalmente entre jovens. Portanto, é necessário compreender seu discurso enquanto produção de sentido destinado à conscientização de um público com pouca prática política institucional e cujos conceitos estão ainda em formação.

### **Fundamentação Teórica**

Segundo Benedict Anderson (2009, p. 20), até a década de 1980, intelectuais preocupados com os temas do nacionalismo e da identidade nacional produziram uma farta bibliografia, de elevada sofisticação teórica, surpreendendo com estudos de enfoques variados – históricos, literários, antropológicos, sociológicos e feministas. Seguindo sua revisão literária, pode-se citar obras e autores como *Nations before nationalism*, de J. A. Armstrong (1982); *Nationalism and state*, de John Breuilly (1982); *Nations and nationalism*, de Ernest Gellner (1983); *Social preconditions of national revival in Europe*, de Miroslav Hroch (1985); *The ethnic origins of nations*, de Anthony Smith (1986); *Nationalist thought and the colonial world*, de Partha Chatterjee (1986); *Nations and nationalism since 1788*, de Eric Hobsbawm, entre outros. Segundo Anderson, esses trabalhos tornaram “obsoleta a literatura tradicional sobre o assunto”.

Nessa mesma época, autores brasileiros como Dante Moreira Leite e Marilena Chauí voltaram-se também ao estudo do nacionalismo, porém situando em solo brasileiro. Para essa última, em seu livro “Brasil, mito fundador e sociedade autoritária”, destaca-se o conceito de nacionalismo sob o ponto de vista da representação social:

[...] cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiros, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identidade e a indivisibilidade nacionais (CHAUI, 2000, p.7).

Para a autora, o termo nacionalismo surge para explicar o modo como uma situação de heterogeneidade – como a descrição histórica e geográfica de um povo e um território – torna-se uma representação homogênea. Ela ocorre com as nações e demais grupos definidos, a partir do apagamento das diferenças, como comunidades imaginadas. O termo comunidades imaginadas é explicado por Anderson em sua obra. Segundo ele, esses grupos

são “comunidades” devido ao sentimento de camaradagem presente entre seus membros e a palavra “imaginadas” é explicada pela imagem de comunhão que existe entre eles. Segundo Anderson: “qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2009, p.33).

O Brasil, sendo um Estado nacional, é uma comunidade imaginada e o nacionalismo presente nesta criação é perceptível em diferentes momentos e situações, como no sentimento de união das classes sociais durante eventos esportivos como as copas do mundo, em manifestações culturais (a exemplo das músicas que exaltam a beleza do país) ou mesmo na imagem criada para si como o país do carnaval, do futebol, do samba e da bossa nova. Essa representação de uma identidade nacional estereotipada, e a união dos brasileiros em momentos de crise política e econômica, exaltando as cores verde e amarela da bandeira brasileira, é resultado de um processo de construção ideológica que, em sua obra, Chauí chama de verdeamarelismo. Para ela, o fenômeno do “verdeamarelismo” foi elaborado ao longo da história pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do “país essencialmente agrário”. Essa construção coincide com o movimento histórico e global de produção de um sentido de unidade “nacional” através de atributos como a densidade demográfica (povo) e o limite territorial (geografia).

De fato, não se tratava apenas de manter a celebração da Natureza e sim de introduzir na cena política uma nova personagem: o povo brasileiro. Dada a inspiração fascista da ditadura Vargas, afirmava-se que o verdadeiro Brasil não estava em modelos europeus ou norte-americanos, mas no nacionalismo erguido sobre as tradições nacionais e sobre o nosso povo (CHAUÍ, 2000, p.37).

O mito fundador do Brasil como comunidade imaginada (descoberta pelos europeus e habitada por nativos miscigenados), se dá através de três elementos. Segundo a autora “Esses três componentes aparecem, nos séculos XVI e XVII, sob a forma das três operações divinas que, no mito fundador, respondem pelo Brasil: a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado.” (CHAUÍ, 2000, p.58). A Natureza refere-se ao mito do Brasil como “país-jardim” ou paraíso, segundo ela, “Essa ‘visão do paraíso’, o *topos* do Oriente como jardim do Éden, essa *Insulla de Brazil* ou *Isola de Brazil*, são constitutivos da produção da imagem mítica fundadora do Brasil” (CHAUÍ, 2000, p.62). Já a história, diz respeito ao tempo judaico que afirma ser o destino do Brasil uma profecia traçada para o conquistador, isto é, Portugal. Como predeterminação

divina, o estrangeiro (o português, em sua atualização à época) já estava destinado a descobrir e explorar o Brasil. Tal predestinação, explicada na parte da “palavra de Deus” do mito fundador, serve como recurso discursivo para justificar acontecimentos do passado e, até mesmo, do futuro da nação. A “vontade de Deus”, remonta ao poder teocrático, da política medieval, em que um líder é escolhido pela vontade divina. Nas palavras da autora: “De acordo com essa teoria, se algum homem possuir poder é porque o terá recebido de Deus, que, por uma decisão misteriosa e incompreensível, o concede a alguém, por uma graça ou favor especial” (CHAUÍ, 2000, p.82). Assim, o homem representa sua própria vontade como sendo uma vontade divina, de um poder maior.

A análise do objeto em estudo (o discurso do MBL) fará perceptível a atualização da “palavra de Deus” e da “vontade de Deus” descritos por Chauí. A eles, acrescentou-se ainda o conceito de liberdade do movimento, isto é, o significado de tal conceito assume na prática discursiva do MBL. Essas três instâncias serão analisadas em campos semânticos particulares e, posteriormente, articulados entre si para a produção de sentido, qual seja, a de uma comunidade imaginada verdeamarela.

## **Metodologia**

A metodologia escolhida para o desenvolvimento do artigo foi a análise do discurso. Segundo Orlandi “o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2002, p.15). Análise do discurso, neste caso, implica observar fenômenos virtuais como ideias, conceitos e representações (ideologias) em uma situação empírica, ou seja, no plano histórico ou social em que eles se desenvolvem, ganham realidade ou sentido.

Por tratar apenas do discurso e não da língua ou da gramática, a análise do discurso procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2002, p.15). Destina-se, portanto, a evidenciar o efeito de sentido do texto (um conjunto de falas ou enunciados) observando seus mecanismos internos de engendramento. Tal efeito de sentido, como se pretende apresentar, é a ideia de uma comunidade verdeamarela imaginada, produzida através da atualização do mito fundador.

A análise de discurso, como observa Orlandi, difere-se da análise de conteúdo, pois esta “procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a análise do discurso considera que a

linguagem não é transparente... A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2002, p.17). O presente texto enseja apresentar “como” o texto significa direcionando-se não ao significado derradeiro de um conjunto de falas (como se nelas houvessem um sentido único escondido que se pretenderia revelar), mas ao modo como essas são construídas na direção de uma comunidade imaginada. É possível, portanto, que outros significados e sentidos decorram de outras análises e processos investigativos, utilizando-se, obviamente, de outros conceitos e problematizações relacionadas ao nacionalismo sobre este mesmo conjunto textual, mas, por ora, ocuparemos da atualização de uma comunidade imaginada verdeamarela.

A técnica de coleta de enunciados para a construção de campos semânticos atendeu ao par conceitual dito e não-dito (descrito mais adiante) e do contexto em que tais enunciados eram mobilizados. Campos semânticos, por outro lado, refere-se a um conjunto de enunciados que compartilham uma mesma regularidade semântica.

A divisão dos campos se dá em: campo do Brasil passado e futuro, que discute e critica a situação e medidas governamentais atuais e passadas e expõe os ideais de mudança e o que seria diferente com a ação do MBL, fazendo ligação com a palavra de Deus do mito fundador de Chauí; o campo do messias, onde fica evidente momentos em que o movimento é colocado como um messias, que surge para salvar o país, trazendo a reflexão com base na vontade de Deus do mito fundador; e o campo da liberdade, que trata do ideal do movimento (incorporado em seu próprio slogan), em comparação com a definição de liberdade em autores como Hannah Arendt.

Justifica-se a escolha dos três campos, pois, dentre outros elementos simbólicos, uma comunidade imaginada é moldada, segundo Anderson, com base em um passado e um destino – daí o conjunto semântico do Brasil passado e futuro. O campo do messias e o campo da liberdade reforçam a ideia de que a comunidade imaginada é essencial para libertar o país deste passado e levá-lo para o futuro prometido. Em dois dos campos, como dito anteriormente, a análise se baseia em partes do mito do verdeamarelismo de Chauí, enquanto o último campo faz uma reflexão sobre liberdade. Com a articulação dos três campos, produz-se um sentido final (a comunidade imaginada). Aqui se faz perceptível o fenômeno ideológico enquanto convocação de um número de seguidores pelo canal do Youtube a partir do apagamento de estratificações sociológicas como classe social, etnia, diferenciação cultural etc.

Sobre o corpus da pesquisa, as falas do MBL no Youtube, observa-se que tal canal existe desde 17 de outubro de 2014 e já conta com mais de 7.324 inscritos e 774.254 visualizações<sup>4</sup>. Os vídeos do movimento são de conteúdos variados sobre as posições do MBL em relação às medidas do governo e aos acontecimentos no país. A maior parte deles é narrado ou protagonizado por um dos líderes do movimento, existindo também outros vídeos feitos nas manifestações, discursos, ou por simpatizantes do MBL. O movimento, que iniciou no final de 2014, é liderado e formado, em sua maioria, por jovens, dentre os quais, seu representante mais popular é Kim Kataguiri.

Na análise serão utilizados 5 vídeos do movimento no Youtube, sendo eles: Faça parte da mudança; Por do sol MBL; Renan Santos, sobre as instituições de nossa república; Dia 27 de maio, o início de uma nova era; e 06 de dezembro. A seleção desses vídeos atendeu ao critério de regularidade semântica conforme os referidos campos.

### **Campo semântico do Brasil passado e futuro**

Segundo Anderson, para se criar uma comunidade imaginada é preciso moldá-la recuando no tempo, “Como não existe um criador original da nação, sua biografia nunca pode ser escrita de uma forma evangélica, ‘avançando no tempo’ ao longo de uma cadeia generacionista de procrições. A única alternativa é moldá-la ‘recuando no tempo’” (ANDERSON, 2009, p. 279). Nos trechos dos vídeos do MBL analisados neste campo sugere-se a necessidade de um movimento de retomada da história. Utiliza-se aqui o conceito de dito e não-dito da análise do discurso para evidenciar enunciados pressupostos e subentendidos nas frases que levam a interpretação do passado da nação.

Orlandi exemplifica o uso deste par conceitual da seguinte forma: “Se digo ‘deixei de fumar’ o pressuposto é que eu fumava antes, ou seja, não posso dizer que ‘deixei de fumar’ se não fumava antes” (ORLANDI, 2002, p.82). Aqui, o uso deste par conceitual serve para revelar aspectos da historicidade do Brasil, de acordo com o MBL, não revelados de maneira explícita em sua fala, mas que ganham materialidade e sentido nas adjacências do texto (no caso, o vídeo analisado).

Assim, se o Brasil precisa melhorar, pressupõe-se que ele não estava bem. Isso faz com que o discurso leve o expectador a recuar no tempo para nele encontrar os fatos que corroborem com a situação desejada pelo enunciatador, a partir da qual este pretende

---

<sup>4</sup> Registro feito em 08 abr. 2016. Disponível em  
<<https://www.youtube.com/channel/UC8QAdpiEWAog3AOCCFDCOYw/about>>

construir o seu texto. Pode-se ainda analisar pelo ponto de vista do mito fundador, de Chauí, que explica o tempo – passado e futuro da nação –, segundo o plano divino. Em sua obra, a autora explica a “palavra de Deus” (história) e cita que no mito fundador:

Esse tempo e esse plano podem ser decifrados, pois Deus oferece a alguns o dom do deciframento temporal, isto é, a profecia. O tempo é, assim, tempo profético, disso resultando duas conseqüências principais que podem ser percebidas de imediato. Em primeiro lugar, o presente pode receber sinais divinos por intermédio dos quais o homem tem como decifrar o sentido do passado e do futuro; em segundo lugar, o tempo é sempre realização de uma promessa divina e, por isso, finalizado e messiânico (CHAUÍ, 2000, p.72).

A partir da análise de um conjunto de enunciados, nota-se que o MBL se coloca como a salvação para o futuro da nação, enquanto o Partido dos Trabalhadores (PT) – partido o qual pertencem a atual presidenta da República do Brasil, Dilma Rousseff, e o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva – ficaram no passado:

(1) “16 de agosto será o dia nacional daqueles que acordam cedo todas as manhãs. Será o dia nacional daqueles que cansaram de ser roubados em silêncio. Será o dia nacional daqueles que voltaram a sonhar e daqueles que mantem o nosso país vivo.” (vídeo: Faça parte da mudança, 00:02s).

Em outros dois enunciados, a sugestão de uma nova comunidade e sua constituição no tempo são lançados, tais como nos enunciados: (2) “Essa é a geração que vai derrubar o PT e a geração que vai botar o país em ordem.” (vídeo: Por do Sol MBL, 2:00s).

Ou ainda em: (3) “A derrota desse sistema, a derrota desse partido através justamente das instituições é o que vai nos fortalecer. É o que nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente, nos tornar uma República e uma democracia séria tal qual os Estado Unidos da América” (vídeo: Renan Santos, sobre as instituições de nossa República, 1:12s).

Na primeira sentença, destaca-se o enunciado “aqueles que acordam cedo todas as manhãs” remetendo a uma parcela grande da população, isto é, aqueles que se encontram empregados ou que, mesmo desempregados, vêm no trabalho um estímulo para sua existência (levantam, para isso, todas as manhãs). O “acordar cedo”, por outro lado, pressupõe um elemento moral, ou seja, a dignidade do trabalho, a qual, fica claro, o enunciador compartilha, dirigindo a estes a revelação de um descontentamento.

Nesse sentido, observa-se os enunciados: “cansaram de ser roubados” e “voltaram a sonhar”. Aqui o não-dito atua como pressuposto de que não é mais possível suportar o fato

dessa comunidade ser roubada e que agora, com a chegada do movimento, a esperança de reverter tal situação, ou aquilo que era apenas uma simples ideia, uma vaga esperança, um sonho, pode ser concretizado.

No segundo enunciado, a parte “é a geração que vai botar o país em ordem” contém o não-dito de que as gerações que precederam o enunciador (MBL) compactuavam com a desordem, qualificativo atribuído aos signatários do PT ou àqueles que consentiam com seu governo, mas que não serve como atributo a essa nova comunidade. Sua construção apóia-se em duas premissas: a derrocada do PT, fonte de estímulo do movimento (“é o que vai nos fortalecer”), e a consecução de um modelo de comunidade, os Estados Unidos da América.

Nesse último trecho retoma-se o qualificativo moral do trabalho “se trabalharmos dessa maneira decente” e a idealização dessa comunidade se levada a cabo. Para isso, é necessária tanto a constatação da inexistência de uma república no Brasil (é preciso convencer os interlocutores de que não há um regime republicano no país), quanto de uma “democracia séria”, fatos que devem ser retificados por uma conduta democrática estadunidense.

Verifica-se, com isso, que o discurso conecta tanto um passado imaginado (para que possa surtir efeito, é preciso o interlocutor recuar no tempo, convencer-se de que a situação atual e seu passado são negativos), quanto um futuro igualmente imaginado (consolidar-se como uma “uma democracia séria tal qual os Estado Unidos da América”, convencer que o futuro é melhor, possui atributos positivos). É nesta conexão de tempos, conforme observou Anderson, onde uma comunidade imaginada se constrói. Dela depende ainda o componente de uma profecia divina (CHAUÍ, 2000) a qual analisaremos na sequência.

### **Campo semântico do messias**

Neste segundo campo, exploraremos três enunciados retirados de vídeos do canal do movimento que tratam o próprio MBL como a salvação que chegará para o país em situação negativa. O MBL, colocando-se como uma espécie de messias, afirma que o Brasil (enquanto conjunto de pessoas circunscritas em um território) melhorará se apoiá-lo, prevendo isso para a nação. Conforme Chauí, a vontade de Deus no mito fundador trata da escolha divina por um líder que representaria Deus na Terra, ou seja, um messias. Assim, pode-se facilmente criar um elo entre a vontade de Deus do mito fundador, com as falas do MBL neste campo.



Neste enunciado, o enunciador abre a sua fala segundo a estrutura formalista de um messias: (1) “Mas senhoras e senhores eu lhes trago aqui uma mensagem. A mensagem de que iremos subir esse poço, a mensagem de que a luz já é possível enxergar, a mensagem de que ainda temos força para construir um novo país. Das ruínas ressurgirá um novo país. Um país sustentado pelo povo, um país que respeite as liberdades individuais [...]” (vídeo: dia 27 de maio, o início de uma nova era, 1:36s).

Em outro enunciado, o enunciador reitera a situação negativa do país revelando o modo como a comunidade desse messias deverá conduzir-se eticamente: (2) “O governo da Dilma já não está acontecendo. Nunca, nunca antes os nossos parlamentares de Brasília agiram da forma como eles estão agindo. Eles estão agindo com o coração, porque nós, no dia 01 e no dia 15... nós obrigamos nossos parlamentares a agirem como homens.” (vídeo: 06 de dezembro, 1:10 ).

Em um terceiro enunciado, a idéia anteriormente descrita de uma ausência de República no país (vídeo: Renan Santos, sobre as instituições de nossa República), para qual, não é revelado o que existe em seu lugar, começa a ganhar significado o que de fato existe, isto é, um sistema “ditatorial”, e, conseqüentemente, o responsável pela manutenção desse sistema: (3) “Nós nunca vamos deixar que nosso país esteja sobre uma ditadura totalitária, que é objetivo do PT.” (vídeo: 06 de dezembro, 1:35s).

Evidencia-se, nesse sentido, a posição messiânica do MBL: um enunciador que consegue traduzir, como em uma profecia, não apenas o estado atual das coisas, mas prever, em um cenário de desordem, um futuro (uma situação positiva), desde que esse lidere sua comunidade. Para reiterar tal posição, observam-se elementos constituidores do discurso messiânico fundada, sobretudo, na fé: a luz já é possível enxergar, a mensagem de que ainda temos força para construir um novo país, das ruínas ressurgirá um novo país, um país sustentado pelo povo, um país que respeite as liberdades individuais.

Se o primeiro enunciado evidencia o traço messiânico do discurso do MBL, no segundo enunciado revela elementos compositivos dessa comunidade: “nós obrigamos nossos parlamentares a agirem como homens”, pressupondo que antes da chegada do movimento os parlamentares não estavam “agindo como homens”. Há evidentes traços de predileção de gênero no que se percebe no aspecto positivo atribuído aos políticos do gênero masculino em detrimento de políticos do gênero feminino (aquelas que, culturalmente, agem com o coração). Essa comunidade, ao que tal enunciado indica, é uma comunidade que se imagina masculina.

Em seu conjunto, tais enunciados reiteram a situação negativa de um passado e um presente histórico brasileiro, como também um futuro promissor desde que levado a cabo por certas exigências do enunciador como o atributo de gênero do segundo enunciado.

A utilização do pronome “nós” no segundo e terceiro enunciado, e do pronome “eu” no primeiro, indicam uma comunidade constituída em torno de uma consciência única, isto é, comprometida com um conjunto de ideias fechadas, pouco flexível ao diálogo ou a inclusão de grupos que pensam diferente.

### **Campo da Liberdade**

Neste último campo semântico, pretende-se confrontar o conceito de liberdade do MBL com autores que a definem como base de sua filosofia política. Acredita-se que esse confronto seja indispensável e revelador da prática discursiva do MBL já que este incorpora a palavra “livre” em seu próprio slogan, portanto, como elemento constituidor de sua existência política e social.

Hannah Arendt é uma pensadora cuja filosofia política destaca a liberdade como conceito fundamental. Para ela, liberdade constitui a capacidade humana de iniciar algo novo sem que determinações como planos de governo, modos de realização, hierarquias sobreponham-se sobre essa ação. Segundo Arendt:

[...] para que seja livre, a ação deve ser livre, por um lado, de motivos e, por outro, do fim intencionado como um efeito previsível. Isso não quer dizer que motivos e objetivos não sejam valores importantes em todo ato particular, mas sim que eles são seus valores determinantes e a ação é livre na medida em que é capaz de transcendê-los (ARENDDT, 2007, p.198).

Confrontando a ideia de liberdade em Arendt com a prática discursiva do MBL sobre a mesma palavra, observa-se uma diferença conceitual de ambas, sobretudo no que se refere à liberdade alheia. Vejamos os seguintes enunciados:

(1) “A mudança já começou. Por um país livre.” (vídeo: Faça parte da mudança, 00:29s). (2) “Objetivo gente, fazer um país mais livre; criar uma nova oposição, uma oposição de verdade, raçuda e que derrote a esquerda; fazer um novo tipo de política, uma política mais aberta, uma política mais humana, que tenha bom humor, mas que seja extremamente agressiva [...]” (vídeo: Por do sol MBL. 3:02s). (3) “Vão para as ruas, tomem as ruas desse país e acima de tudo tomem Brasília, porque Brasília não é dos políticos, Brasília não é dos senadores e dos deputados, não é de Dilma Rousseff e nem de Lula. A

Brasília é nossa, a Brasília é do povo brasileiro. Brasília é do povo brasileiro e no dia 27 haveremos de tomá-la. Faremos o cerco à Dilma Rousseff, não haverá escapatória à presidente da república” ( vídeo: Dia 27 de maio, o início de uma nova era. 2:28s).

No primeiro enunciado, observa-se o pressuposto de que se a mudança por um país mais livre começou é porque, neste país, antes, estava com a liberdade limitada. Já no segundo enunciado, destacam-se os trechos: “fazer um país mais livre; criar uma nova oposição, uma oposição de verdade”, pressupõe-se que, além de no Brasil não existe liberdade, também não há uma oposição de verdade. Da mesma forma, “fazer um novo tipo de política, uma política mais aberta, uma política mais humana...”, subentende-se que a situação política corrente fechada ou pouco humana. No terceiro enunciado, o enunciador pressupõe que o governo atual (mais precisamente o PT) seria contrário a liberdade. O ideal de liberdade para o movimento estaria, então, na queda desse governo (e com ele o próprio PT), para a edificação de uma situação positiva.

No segundo enunciado, entretanto, pode-se depreender algo que vai além da profecia de que a liberdade no Brasil apenas se iniciaria com o advento do MBL. Há um elemento condicionante para um país livre, qual seja, criar uma oposição que derrote a esquerda. Essa oposição, segundo o enunciador, deve ter bom humor e ser “extremamente agressiva”. O conceito de liberdade do MBL, neste caso, não apenas contraria a ideia de Arendt, já que define um plano de ação (apenas contra a esquerda) e não transcende a tal definição, como entra numa contradição interna: é possível ser “mais humana” e “extremamente agressiva”? É possível ser “mais aberta” e defender o cercamento da ação do outro (“Faremos o cerco à Dilma Rousseff, não haverá escapatória”)? O ideal de liberdade do MBL define-se, portanto, como ação livre de um grupo em detrimento de outros.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa, ainda andamento, ao partir de um trabalho analítico sobre a prática discursiva do MBL, no que se refere à atualização do mito verdeamarelo e a sua ideia de liberdade, pretendeu observar, neste conjunto empírico, a materialidade de conceitos provenientes de pensadores como Anderson e Chauí.

As reflexões sobre o nacionalismo em Anderson encaminharam a pesquisa a um olhar crítico em relação ao uso de ferramentas políticas como a construção discursiva de uma comunidade imaginada. Possivelmente, se outros autores delineassem uma reflexão

menos crítica acerca do fenômeno do nacionalismo e a pesquisa acompanhasse tal reflexão, os achados empíricos tomariam outra direção. Igualmente, se ao invés de pensarmos o nacionalismo brasileiro fora do circuito de atualização do mito fundador, os campos semânticos da produção de sentido do MBL articulariam outras esferas de significação demandando a escolha de outros enunciados e assim por diante.

O que pretendemos neste trabalho, muito além de experimentar a técnica de pesquisa da análise do discurso, foi apresentar uma possível produção de sentido (cujo efeito é uma comunidade imaginada verdeamarela) a partir da constituição e articulação de campos semânticos provenientes do olhar organizativo sobre a prática discursiva do MBL. Pretende-se, em uma outra etapa da pesquisa, aprofundar a reflexão sobre o fenômeno do nacionalismo e, concomitantemente, observar a materialidade de novas elucubrações teóricas neste mesmo conjunto empírico.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo São Paulo: Companhia das letras, 2009.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Ponte editores, 2002.